

1 O EDUCADOR: ALÉM DE PROFESSOR, FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO E LÍDER DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Fátima Inês Tatto De Pellegrin¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a diferença entre professor e educador e apresentar sugestões a respeito dos elementos teórico-práticos necessários à compreensão da realidade política, cultural, econômica e social que exercem influências na formação e no desenvolvimento do educador transformador da realidade, na busca de uma prática educativa, crítica e afetiva, coerente e libertadora que possa formar para transformar, especialmente os estudos de graduação e os estudos continuados do educador.

Para este estudo científico muito contribuiu a leitura das obras de Paulo Freire em relação à necessidade de mudanças no atual cenário educacional. Mudanças que só acontecerão através da pesquisa, da formação inicial e continuada dos docentes, a fim de que todos os educadores possam acreditar numa nova escola formada através do estudo, da competência, do conhecimento, de uma docência mais afetiva e humanizadora.

Os estudos realizados fazem uma reflexão sobre as atuais práticas pedagógicas que vem acontecendo numa concepção bancária de educação, impõe normas à comunidade impedindo que o processo ensino-aprendizagem aconteça numa relação amigável.

Surge então, a Pedagogia Libertadora, proposta por Freire, que rompe radicalmente com a educação elitista e bancária e exige uma nova educação e uma nova formação do educador, ambas, comprometida com as classes populares, e a transformação social.

Esperamos de fato, conseguirmos chegar à verdadeira educação, impregnada pela beleza, curiosidade, criticidade e realização como ato de amor.

¹ Especialização em Psicopedagogia e em Pedagogia Social, Licenciatura Plena em Pedagogia e História
Professora do Curso Normal: Ensino Médio – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Frederico Westphalen/RS
Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria- Frederico Westphalen/RS
Área de Atuação: Sociologia da Educação, História da Educação, História, Didática de Estudos Sociais.
Atividades Curriculares: Supervisão de Estágio. Equipe do Ser.

1.1 O “Ser Professor”

Neste estudo, parece-nos promissor elaborarmos uma síntese sobre a diferença que há entre ser professor e ser educador. Nos reportamos à pessoa do professor que vai para a escola e sai dela, às vezes com alegria, outras vezes com pesar e tristezas; com esperanças ou desesperanças, às vezes com fé, outras vezes incrédulo, falante ou calado, fragmentando na sua profissão. E ele se diz professor. Os outros chamam-no de professor. Professor é quem dá aulas, quem ensina os conteúdos escolares, porque ensina aos que não sabem aquilo que ele sabe, ou que pensa saber. Por isso vão à escola. Por isso chamam-no de professor e ele passa a acreditar que é mesmo professor e todos acreditam que ele é professor. O professor é aquele que vai à escola e sai da escola e volta à escola repetindo sempre o mesmo discurso aos mesmos ouvintes. É o comediante que apresenta sempre a mesma comédia aos mesmos assistentes, no mesmo palco. Quando, no palco, não existem mais comediantes e comédias, os assistentes gritam de alegria e se debandam em disparada. É chamado ainda de professor, porque estudou muitos anos, se preparou para ser professor num ensino de Curso Médio ou superior, ou até mesmo realizou estudos de mestrado ou de “doutoramento”, cujo título o torna “primus inter pares” na ação de ensinar nas pequenas e grandes cátedras. Para este professor o título é mais importante do que o saber. Ser, ter fazer. Parece-nos que tudo isso não passa de uma palavreação pobre, já desmistificada, a fim de que se possa caracterizar o que é um professor.

Definir ou explicar o que é “ser professor”, nesta perspectiva, torna-se complexo, quase impossível. Para muitos é aquele que precisa demonstrar um ativismo constante, explicitando seu compromisso em ensinar e avaliar, como se tudo se resumisse apenas nessas questões.

Desta forma se manifesta Alves, quando diz que:

Professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que o ministra. Por isso mesmo professores são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos de plástico para café descartável. De educadores para professores realizamos o salto de pessoa para função (ALVES, 2000, p.19).

Nesta perspectiva nos questionamos: Por que o professor não viveu dignamente do seu ato de ensinar? Por que se tornou um esmoleiro oficializado? Qual o sentido que ainda lhe que

resta em ser um profissional da educação? Sem dúvida, o poder de viver bem a vida deve nascer do seu ato de educar.

O educador, antes de tudo, é um ser especial. Precisa pensar o que lhe cabe pensar, ser aquilo que deve ser, agir naquilo que deve agir, porque ele é o educador, é o pensador, é o filósofo, é aquele que pensa sobre o homem e sua existência. E isso tudo por uma imposição da vocação para o ensino.

Desta forma, nos questionamos:

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor,. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança (ALVES, 2000, p.16).

Nesta perspectiva, entendemos que um educador, possuído da "mística" e da missão, pode e deve ser um profissional competente. Um educador "místico" se deixa guiar pela força interior que se sustenta de sua própria experiência cotidiana. Neste sentido, a mística quer acordar na missão de educador a sua dimensão de "amar", de desejo de ensinar e aprender a paixão pela missão de educar e de transmitir conhecimento, formar novas gerações com novos valores, construir com os educandos a riqueza da vida humana e da experiência já construída por eles.

Um dos traços marcantes da vida e obra de Freire era a paixão pelo ato de ensinar. Paixão que se expressa de várias formas e se concretiza no seu encantamento com a vida, com a liberdade, com o prazer da aprendizagem, com a descoberta, a prática de pensar a prática. Essa paixão, que através da indignação tornou-se móvel da denúncia e do anúncio. Denunciava situações de injustiça e marginalização de milhares de seres humanos. Enquanto anúncio transmitida esperança, sinalizando a construção de uma sociedade democrática, na qual houvesse condições de trabalho, de saúde, educação e vida digna para todos.

Nesta perspectiva, afirmamos que freire foi um educador apaixonado pela educação. Amava um sonho futuro a favor da libertação e contra as desigualdades de qualquer espécie. Que esse sonho de Paulo Freire seja o sonho de todo o educador que se fundamenta e se concretiza ao longo de sua missão, humanizando os seres humanos que são desprovidos de sua dignidade.

Desta forma, cabe ao educador, entre muitos, o compromisso de trabalhar o "amor paixão" junto com seus educandos. É pela mística da paixão que o educador consegue chegar até a consciência dos educandos e trabalhar com amorosidade, para a mudança da mentalidade. Cabe a nós, educador, concretizar este amor serviço, caminhando paralelamente com o "saber paixão" de Paulo Freire.

Gadoti nos diz que: "amar é uma arte, que requer aprendizagem, maturidade, humildade, coragem, fé, razão, disciplina, interesse e preocupação com o outro. Requer solidariedade" (GADOTTI, 1996, p.564).

Nesta perspectiva refletimos sobre a nossa prática pedagógica. Será que estamos fundamentando-a na pessoa do educador? Estaremos amando a educação e tendo por ela a devida razão, coragem e interesse? Sem dúvida jamais gerenciar o professor para torna-lo um educador, precisamos sim, acordá-lo e fazê-lo viver a experiência do amor pela educação.

1.2 O professor e a educação bancária

Conforme Freire, na:

Educação "bancária", o professor conduz o educando à memorização dos conteúdos, sendo que os mesmos devem ser "enchidos" pelo professor. Nesta concepção ocorre a mera transmissão de conteúdos, na qual o educando deve recebê-los, guarda-los e decorá-los. Desta forma, não há saber, não há criticidade, não há transformação. Há apenas a reprodução de conteúdos. Nessa concepção de educação os homens são seres de adaptação. Quanto mais se impõe passividade, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo. Quanto menos ativos, menos críticos e menos conscientes forem os indivíduos mais satisfazem os interesses dos opressores (FREIRE, 1987, pp. 68-72).

Nesta concepção de educação, os homens são seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se impõe passividade, em lugar de transformar tendem a adaptar-se ao mundo. Quanto menos ativos, conscientes e críticos forem os indivíduos, mais satisfazem os interesses dos opressores.

O processo educativo desta escola com educação bancária atende à sociedade capitalista vigente. "O individualismo desta sociedade neoliberal quer uma escola cuja principal função é: formar técnicos capazes de atender ao mercado de trabalho cada vez mais exigente, competitivo e globalizante" (FREIRE, 1987, pp. 85-86).

Nesta escola, a comunidade escolar não é convidada a participar das decisões que norteiam e dão um rumo à proposta pedagógica. É provável que se formem homens passivos, alienados culturalmente e socialmente, manipulados pela ideologia dominante.

Desde os tempos mais antigos da história da civilização, a influência da pedagogia bancária está presente em nosso meio. Os educandos são meros receptores do saber e o ensino é exclusivamente verbalista.

Assim, a aprendizagem acontece de forma mecânica e passiva, através da memorização acumulação de conhecimentos que reproduzem a cultura da humanidade, organizada em: disciplinas justapostas e isoladas entre si, sem integração entre teoria e prática, sem considerar

as diferenças de aprendizagem entre os educandos, levando a um resultado de fracasso escolar com evasão, repetência e pouca qualidade do ensino.

Quanto aos educandos, esses são meros receptores do saber, o professor vai depositando, isto é, empilhando conhecimentos acabados. Não são abertos para a investigação; a realidade não muda.

O ensino é exclusivamente verbalista, há mera transmissão de informações. A aprendizagem só se dá de forma passiva e mecânica através da memorização e acumulação de conhecimentos, que reproduzem a cultura clássica, onde as disciplinas do currículo são justapostas e isoladas entre si, sem a integração entre o domínio X conhecimento.

Nesse mesmo processo, o conhecimento é repassado aos alunos de forma estanque, fechado, sem abertura interdisciplinar. O ensino articulado ao currículo, tem por base a exposição oral dos conteúdos factuais, usando o livro didático sem investigação.

Dentre tantos fatores, a escola funciona também como um aparelho ideológico, sustentando as relações do poder, onde a sociedade se divide em dominantes X dominados..

Na seqüência dessa reflexão, a escola bancária, com sua pedagogia impõe normas à comunidade, impedindo que o processo ensino-aprendizagem aconteça numa relação amigável, estabelecendo apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno. Daí confirma-se à possibilidade de alto índice de analfabetismo, a evasão, e até mesmo a indisciplina que preocupa atualmente a todos os envolvidos com a educação.

Desde os mais remotos tempos da história da civilização, a influência da pedagogia tecnicista ou bancária, segundo Paulo Freire, foi inserir a escola nos modelos de racionalização do sistema de produção capitalista. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 5.692/71, e hoje reformulada pela nova L.D.B., no que se refere à avaliação de comportamentos observáveis e mensuráveis, serviam para o controle do comportamento face aos objetivos pré-estabelecidos, depositando na cabeça do aluno o conhecimento pronto e acabado. Nesse tipo de avaliação instala-se a humilhação de um lado, em contrapartida à prepotência, o isolamento e a negação do homem, isto é, o fechamento da consciência.

1.3 O educador, na proposta de Paulo Freire

No processo de transformação da escola e da realidade, todos têm um papel a desempenhar; professor, equipe de coordenação e direção, alunos, pais, funcionários,

supervisores, autoridades, comunidade local etc. Qual seria o segmento mais importante que assume com a transformação e a conseqüente organização e ação de intervenção da realidade?

A mudança somente acontecerá a partir do diálogo da articulação, segundo Freire (1987, pp. 79-82). O educador é um dos principais agentes de mudança do ensino, pois é ele que está em contato direto com os alunos, onde ocorrem os problemas. Esta tarefa é comprometedora e desafiante. Não podemos mais ficar acomodados; o que se vislumbra é o compromisso de cada setor com a parcela que lhe cabe no processo de transformação, atuando e mudando a escola em sua totalidade.

O educador deve assumir-se como é, pensante, falante, comprometido, transformador, capaz amar e odiar. Para isso o ato de ensinar deve ser feito com alegria e esperança. É preciso ter uma postura, pois a educação não é neutra. E, em nossa sociedade, já não pode haver mais lugar para uma educação repetitiva, com um educador acomodado, treinador e transferidor.

Paulo Freire nos ensina que não há docência sem discência (FREIRE, 1996, p.23). Portanto, o educador deve refletir constantemente sobre a relação teoria e prática, ou seja "(...) quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 1997, p.25).

Há, portanto, uma ligação entre o aprender e o ensinar. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p.25).

À luz desse sonho o educador deve respeitar e aprender com os saberes trazidos pelos alunos, com suas experiências de vida, conhecer mais a fundo a realidade dos nossos alunos, para realmente podermos atuar como sujeitos da História que se passa ao nosso redor e ajudar na compreensão e atuação deste mundo.

O educador precisa querer bem aos educandos e a prática educativa que participa. Deve ter amor, vocação, dedicação, afetividade para continuar sua arte de educar. Nosso autor, mas uma vez contribui, ao lembrar-nos: "Se não posso, de um lado, estimular os sonhos possíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar" (FREIRE, 1996, p. 163).

Sem dúvida, para haver ensino, para haver aprendizagem é preciso que haja autonomia. Nesta luta, para que ocorra a libertação dos homens e a verdadeira humanização não podemos depositar conteúdos nos homens, mas reconstruir a práxis juntos a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo e problematizá-lo.

Neste sentido, educador e educandos se tornam sujeitos do processo, se educam em comunhão e em participação. Desta forma, se pronuncia também Rubem Alves, quando afirma:

Mestre toma o discípulo pela mão e o leva até o alto da montanha. Atrás, na direção do nascente, se vêem vales, caminhos, florestas, riachos, planícies ermas, aldeias e cidades. Tudo brilha sob a luz clara do sol que acaba de surgir no horizonte. E o mestre fala: 'Por todos estes caminhos já andamos. Ensinei-lhe aquilo que sei. Já não há surpresas. Nestes cenários conhecidos moram os homens. Também eles foram meus discípulos! Dei-lhes o meu saber e eles aprenderam as minhas lições. Constróem casas, abrem estradas, plantam campos, geram filhos... Vivem a boa vida cotidiana, com suas alegrias e tristezas' (RUBEM ALVES, 1994, p. 91).

Educador e educando unidos em comunhão, torna-se possível desburocratizar a vida na escola e educar o aluno para o trabalho coletivo e responsável. Sobretudo, é papel do educador ensinar o educando a andar por caminhos sólidos, indicando-lhe as pedras firmes, onde poderá colocar os pés, sem medo. Nesta comunhão dos olhares, os mestres e os alunos vêem o mesmo mundo, acontece a experiência da comunhão. E, nessa direção, é possível pensar e recriar a sociedade a partir de novas bases culturais e humanas.

Surge aí, a Pedagogia Libertadora que rompe radicalmente com a educação elitista e exige uma nova educação comprometida com as classes populares e a transformação social.

1.4 O educador e o desafio da educação libertadora

A luz desta nova metodologia de Freire (1977, p. 62), o educador precisa repensar a sua formação, a sua postura, as falas que pronuncia, pois esta educação não é neutra; é comprometida com a solidariedade, busca conhecimentos culturais, vai ao encontro da pesquisa, busca novos valores, participa do processo histórico, opta pela humanização e pela mudança social.

A questão metodológica surge numa relação autêntica, dialógica, adequada ao processo educativo e com características do meio em que vive. Apresenta clareza em relação à opção do educador, dispensando um programa previamente estruturado. Nesse processo, os alunos são incentivados a entender o seu papel na sociedade, construindo sua própria história. Esse processo acontece através de temas chamados geradores e que são determinados através de pesquisas realizadas com a comunidade escolar. A fala do povo deve ser o ponto de partida. A riqueza dos vocábulos populares, seus ditados, sua poesia, que expressam o mundo vivido pelo povo, será o material dos alunos (FREIRE, 1977, p.87).

A exemplo desta pedagogia, destacamos o educador Paulo Freire, que, na defesa desta teoria foi chamado de clandestino e subversivo, e, exilado no período da ditadura. A luz dos seus escritos a Educação Libertadora vê o homem como um ser inacabado, que relaciona-se mutuamente com a realidade e torna-se sujeito conhecedor e interferente nela. Neste sentido, a escola pode atuar na formação da consciência crítica e na superação das classes dominantes.

Seu papel é centralizado na atuação formal, questionando concretamente a realidade das relações do educando com a natureza, e com os outros homens, visando à transformação crítica da sociedade (FREIRE, 1997, pp. 89-90).

Desta forma, os temas geradores são extraídos da problematização, da prática de vida dos educandos. Nesta ótica, as palavras geradoras são escolhidas da coleta do universo vocabular da (comunidade, região, bairro ou vila), onde se oferecerá o curso a experiência vivida. Esse processo se dá através de palavras conhecidas, com entrevistas referentes às experiências de vida das pessoas, como, por exemplo: (família - trabalho – política). Das inúmeras frases que o povo pronunciava, expressando sua vida, suas idéias e situações concretas de existência, são extraídas as palavras geradoras que constituem a base do método "Paulo Freire".

A questão dos métodos consiste numa relação autêntica, dialógica, adequada ao processo educativo e com características do meio em que vive. Esse método apresenta clareza em relação à opção política do educador, dispensando um programa previamente estruturado. A aprendizagem da leitura e da escrita é um ato criador que envolve a compreensão crítica da realidade e, esta prática concreta proporciona possibilidades de um novo conhecimento.

O método de Paulo Freire é um instrumento prático, que foi inicialmente aplicado para a alfabetização de jovens e adultos, mas hoje, pode-se aplicar sua proposta para todo tipo de educação. Como tal, é um método ativo, dialógico, crítico e problematizador, através do qual o educando aprende primeiro a ler o mundo e a conscientizar-se da realidade em que vive.

Desta forma a prática escolar é fundamentada na educação popular autônoma, dialógica, crítica, conscientizadora, livre e libertadora. Nesta ótica, a verificação direta da aprendizagem é desnecessária, sendo a avaliação realizada com auto-avaliação em termos de compromisso assumido com a prática social, segundo o autor (FREIRE, 1996, p.68).

Os grandes ensinamentos na educação libertadora exigem que o educando pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta seriamente, estabelecendo uma relação mais próxima entre escola e vida. Aqui o educador deve ser aberto a mudanças com inovações, ser político, aprendendo com as experiências dos educandos. Tem ainda a tarefa de denunciar a opressão, a ideologia, para criar, recriar, desvendar diferentes formas de ensinar e buscando ações que proporcionem o bem comum.

Paulo Freire (1997, p. 83) passou a educação com otimismo. Acredita nas mudanças sociais, aposta na educação e crê na formação do educador. Um educador, fundamentado no diálogo e no amor, porque educar é um ato de coragem, de compromisso com os homens, com a libertação, com o amor que foi proibido, com o diálogo e a humildade. Portanto, o educador

precisa ter confiança e fazer o educando apostar em sua aptidão para realizar sua vocação natural do *ser mais*.

1.5 A formação do educador na perspectiva da construção da cidadania

O mundo vive hoje a era pós-moderna. Uma era de mudanças, de grandes inventos e transformações sociais, com momentos de muitas incertezas e inseguranças diante da guerra entre Iraque x Estados Unidos, que repercutem a economia mundial e impedindo a paz universal. Diante destas modificações tão marcantes, alguns homens saíam as ruas em pedindo a paz e outros, se distanciando cada vez mais dos verdadeiros valores humanos na busca do ter mais, da competição, do poder. Ainda vivemos espelhados pela minimização tecnológica na cibernética, que invadem nossos lares, nossas vidas e, até mesmo, com imagens nas grandes novidades do mundo virtual.

Diante destas modificações tão marcantes em nosso cotidiano, o homem está se distanciando cada vez mais dos verdadeiros valores humanos e cristãos, pois o que prevalece é a busca do ter mais, do ser melhor, da competição, da ciência e do poder, no entanto, temos clareza que o sistema vigente acaba por deixar o indivíduo cada vez mais sem saídas, inseguro e alheio à vida. Desta forma, escola serve como um aparelho de reprodução do conhecimento já elaborado, sustentando o sistema e satisfazendo aos interesses e anseios opressores.

Nesta perspectiva, sonhamos com um modelo de educação voltado para a pesquisa-ação, que enfatize o cultivo de habilidades, e ajude o homem a conquistar seus próprios instrumentos de libertação, de realização pessoal, ou seja, um Projeto Político Pedagógico voltado para a pesquisa, atuante, um eixo central em programas de formação de professores, especialmente por muitos educadores, como Paulo Freire. Segundo ele: "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" (FREIRE, 1998, p. 32).

Esta afirmação nos coloca em frente de mais um desafio educacional, e prova que a pesquisa não é interessante apenas aos cientistas, mas, que todo educador pode e deve ser um pesquisador, buscando sempre uma formação continuada tanto teórica, quanto prática, tendo consciência de que o ensino e a pesquisa caminham juntas, buscando com isso, o aperfeiçoamento de si mesmo e de sua prática voltada para um ensinar mais dialógico e mais humano. Desta forma, a formação docente e a prática pedagógica de qualidade tornam-se uma exigência. Faz-se necessário entender a formação do professor para o desenvolvimento das competências, o que exige a qualificação, a valorização profissional, condições materiais mínimas, políticas adequadas, gestão democrática e o contexto em que o professor vive.

Diante desta realidade, pensar sobre a formação do educador e os saberes que a determina, cabe primeiro explicitar a sua formação epistemológica permanente, gestando-se na prática social e política, com um currículo coerente e interdisciplinar, ajudando o educando a pensar.

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesmo. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita reverse (FREIRE, 1999, P. 102).

Partimos sempre para novos desafios, rumo a construção do saber. Certamente a pesquisa passou a ser, no momento, um eixo central onde buscamos o conhecimento e a aprendizagem. Através do conhecimento encontramos a pesquisa científica e através da aprendizagem o princípio educativo. Os dois partem do mesmo objetivo, "saber pensar", ampliar a inteligência, o conhecimento, a competência, como diz Paulo Freire, qual prioriza a educação de jovens e adultos no Brasil.

A formação do educador envolverá, pois, a exigência de compreensão do contexto-base, no qual desenvolve o seu trabalho educativo. É neste sentido que Paulo Freire (1997, p.57) lança uma crítica radical às práticas educativas bancárias, porque estas em nada contribuem para a compreensão, conscientização e visão crítica do mundo em que estamos vivendo; mas ele propõe, sim, que a educação do educador pós-moderno seja orientada para a pesquisa, enfatizando o cultivo das habilidades de investigação sobre o ensinar os contextos multidimensionais que preocupam o educando na aquisição de hábitos de leitura, escrita e pensamento. Se nós, educadores, construirmos uma postura lógica e dialética, estaremos de forma humilde, mas esperançosa, contribuindo para a transformação das realidades sociais e históricas opressoras, que desumanizam a nós todos. No entanto, o saber é o papel atribuído ao educador, pois este abrange disciplina, pontualidade, coerência, clareza, justiça, igualdade, diálogo e o respeito à pessoa do educando.

Para que isso ocorra é imprescindível que os professores, que são pesquisadores, sejam capazes de ajudar a produzir educandos que sejam pesquisadores, investigadores sobre problemas que eles têm colocado sobre suas experiências de vida cotidiana.

Cabe, ainda, a esse educador "homem-cidadão" o compromisso de educador na formação cultural e profissional de seus educandos para a construção de uma escola de qualidade. Para tanto, sua responsabilidade é mais ampla, abrangente, e deverá contribuir de forma eficaz para o crescimento pessoal dos educandos, bem como estar atento ao contexto social, econômico e político. Neste pensamento, os educadores precisam "aprender a pensar" a prática educativa, como requisito para a formação da cidadania. Não basta que os professores disponham, na

escola, dos meios de comunicação ou apenas saibam usá-los. É preciso aprender a analisá-los, fazer uma análise crítica do que vai usufruir. Para tanto, a tarefa das universidades são comprometedoras no que se refere à formação dos profissionais.

Dentre os saberes, todas as disciplinas do currículo precisam estar conectadas a conteúdos e valores sociais que desafiam a atuação dos cidadãos: a educação ambiental, a educação para o consumo, a busca da paz, da solidariedade, da justiça, da saúde pública. É preciso integrar, na formação do cidadão, a dimensão afetiva e ética em valores.

Nesta perspectiva, o educador tem um grande papel a exercer, deve partir dele a conscientização dos alunos. Uma educação que partisse apenas do educador, limitada ao campo escolar, é insuficiente para operar uma verdadeira mudança social. O educador não deve se limitar a conscientizar só na sala de aula. Deverá aprender a se conscientizar com a massa.

Nesta mesma linha, não basta sermos competentes para sermos educadores. É o grau de consciência que define se somos ou não educadores críticos. Portanto, a formação do novo educador se dará a partir de uma sólida formação política e social.

O educador deve combater a diferenciação escolar, isto é, lutar contra a existência de escolas para ricos e escolas para pobres. Para chegar a uma escola única, de qualidade, igual para todos, a fim de que as diferenças sociais sejam superadas. Para que isso aconteça, é necessário que o educador utilize o espaço escolar como um local de debate das questões sociais e políticas, onde todos possam expressar suas idéias e o debate e a crítica tenha um local reservado. É lógico, que a escola não é o único meio de transformação social, mas esta não acontecerá sem a ajuda da escola.

“Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 1979, P. 27)

Portanto, a educação é um estágio de luta muito importante na vida do educando, onde num determinado momento é dominada por uma pedagogia controladora que compete ao educador reassumir a sua função crítica na sociedade, liderando o espaço livre que hoje é muito pequeno e vigiado. E assim, abrindo caminho para que todos possam ter seu espaço reservado neste mundo globalizado.

Ensinar não é apenas depositar na cabeça dos educandos as novidades da ciência e da tecnologia, tornando-os meros receptores e consumidores de idéias, valores, normas e padrões de comportamento de uma sociedade dominante e ditadora. O ofício de ensinar, não é, portanto para aventureiros, é para profissionais, homens e mulheres, que além de dominarem os conhecimentos na área dos conteúdos específicos e da educação, assumem a construção da

liberdade e da cidadania do outro como condição mínima de realização de sua própria liberdade e cidadania. Pois, "Somente o verdadeiro educador é capaz de impregnar seu aluno com um rosto de beleza, infundir-lhe a luz e encher-lhe o coração com uma força vital" (BOAVENTURA, 1971, p.23).

Nesse sentido, a compreensão dos limites da prática educativa demanda, indiscutivelmente, a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político, assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso pensar-me um educador libertador, se não entendo o espaço da escola como algo meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classes. Mas nos parece que há ainda uma saída, pois, a educação pode dar uma grande contribuição à classe trabalhadora e caberá ao educador abrir os olhos e a mente dos mais fracos.

O educador tem que ir à porta das fábricas, e principalmente às ruas, para entender a luta dos trabalhadores, porque somos uma única classe, porque temos que aprender solidariamente na luta de nossos irmãos de classe. É essa lição que os professores têm que tomar e não dar. É possível estar com eles para amanhã não estar contra eles, que certamente um dia chegarão a nossas escolas. Ao novo educador compete refazer a educação, fazer uma educação democrática, criar alternativas para fazer surgir um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pelo capitalismo e atualmente acentuado pelo neoliberalismo. Não é possível ao educador permanecer neutro; ou educa a favor dos menos favorecidos ou contra eles, servindo assim aos interesses da elite.----

"Se educar é conscientizar, a educação é ato essencialmente político. Portanto, ninguém educa sem uma proposta política" (GADOTTI, 1995 : 88).

Em última análise, o papel organizador, interferente do educador progressista não é jamais o de alojar-se, de armas, de bagagens, na cotidianidade popular, mas utilizar o espaço escolar como um local de debate das questões sociais e políticas, onde todas as posições possam manifestar-se, e que o debate e a crítica tenham seus espaços reservados. A escola não é a única alavanca de transformação, mas esta não acontece sem ajuda da escola. A escola poderá ser o local onde os oprimidos adquiram força e coragem para lutar por uma humanização social; uma conscientização que partisse apenas do educador, limitada ao campo escolar, é insuficiente para que haja uma verdadeira mudança social. O educador não deve se limitar a conscientizar só em sala de aula. Deverá aprender a se conscientizar com a massa.

Esperamos de fato, conseguirmos chegar a verdadeira educação, impregnada pela beleza, curiosidade, criticidade e realizada como um ato de amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebendo-se que, na sociedade atual, a grande maioria dos indivíduos é uma classe oprimida, e que o mero conhecimento ou consciência desta opressão não a destrói ou a supera, Freire constrói uma educação que, partindo da consciência ingênua e passando pela tomada de consciência, conduz o indivíduo a um compromisso político de mudança através da ação concreta sobre a realidade opressora.

Este processo de mudança implica um longo processo de aprendizagem, aprendizagem que precisa da contribuição do ensino escolar. Pensamos que esta mudança é compatível com a postura necessária para ser dialógico. Ninguém é dialógico sem inquietar-se, sem sair de si, sem desacomodar-se. Eis nosso grande desafio, buscar cientificamente, através da formação inicial e continuada do educador, a postura necessária para uma prática que favoreça a construção da autonomia dos alunos.

A educação conscientizadora de Freire não só deve prescindir da tomada de consciência, da abstração reflexiva, mas busca compreender o embasamento teórico e a prática para uma melhoria do processo educativo, percebemos que a relação prática-teoria-prática é uma necessidade para o professor preocupado com uma educação libertadora que potencialize práticas educacionais inovadoras, tornando-se um mediador do conhecimento a ser adquirido pelo aluno, atendendo aos interesses e necessidades de uma educação humanizadora.

Freire afirma que "ninguém é dialógico sem inquietar-se, sem sair de si, sem desacomodar-se". Ninguém é dialógico sem desconectar-se e conectar-se, sem amar e desamar, sem sorrir e chorar, sem falar e calar, sem correr e parar, sem agir e imobilizar-se, sem estender a mão e receber o abraço. Podemos dizer também que na tomada de consciência ocorre um diálogo intersubjetivo flagrado na relação da pessoa com o mundo físico e social, sobre o qual age, constituindo-se e constituindo o mundo. A negociação, o intercâmbio de significados e de experiências são elementos construtivos da dialogicidade e da tomada de consciência. o sujeito sobre o mundo que constitui essa realidade.

O diálogo, elemento fundamental no processo de conscientização, constrói-se a partir das possibilidades de saída de um tipo de conhecimento para outro de nível mais elevado. Uma relação em cadeia qualitativa e quantitativa. A tomada de consciência do processo que podemos caracterizar como saber inicial.

É necessário que o educador esteja constantemente atualizando-se. É fundamental conhecer seus educandos, suas expectativas, sua cultura, as características e problemas, suas necessidades de aprendizagem. Deve também refletir permanentemente sobre sua prática, buscando meios de aperfeiçoá-la, bem como favorecer a autonomia dos alunos, estimulá-los a avaliar constantemente seus progressos e ajudá-los a tomar consciência de como é realizada a aprendizagem, valorizando todo o conhecimento que o educando já possui.

Enfim, nossa tarefa de educadores e educadoras políticos de hoje, preocupados em viabilizar um amanhã mais eticamente humano, inclui lutarmos por políticas públicas, nacionais e internacionais, de respeito aos direitos fundamentais dos cidadãos como, entre outros, o da escola e do trabalho. Mas ao mesmo tempo que por uma política de estabelecimento de dar mais grandeza e não de subtrair dignidade humana. Finalmente, a escola deve ser um espaço coletivo de construção de direitos e deveres do cidadão, primando por valores éticos e morais, resgatando assim, o exercício da cidadania, da ação participativa, valorizando mais o diálogo, a escuta, a solidariedade e a criatividade..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 1ª ed. [s,1]: Papyrus, 2000.
- FREIRE, Paulo e FAUNDEZ Antonio. Por Uma Pedagogia da Pergunta. Edit. Paz e Terra - 1985 - RJ.
- FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com Própria História. Edit. Paz e Terra - RJ - 1987.
- FREIRE, Paulo, GADOTTI, Moacir e GUIMARÃES, Sérgio. Diálogo e Conflito. Edit. Cortez. 2ª edição - 1986.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Edit. Paz e Terra. 5ª edição - RJ - 1975.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Editora Paz e Terra, 20ª edição, Rio de Janeiro, 1979.
- FREIRE, Paulo. Educação na Cidade. 2ª edição, Editora Cortez, São Paulo, 1995.
- FREIRE, Paulo. Macedo Donaldo. Alfabetização. Leitura do Mundo. Leitura da Palavra. Editora Paz e Terra (2ª). RJ. 1994.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Edit. Paz e Terra - RJ.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra. 4ª edição - 1997 - RJ.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. 2ª edição, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Edit. Paz e Terra. 17ª edição - 1987 - RJ.

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. Diálogo e Conflito. 2ª ed. [s,1], 1986.

GADOTTI, Moacir; TORRES, C. A . Educação Popular – Utopia latino Americano. São Paulo: Cortez/EDUSP, 1994.

LDB. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9394/96.

OBSERVAÇÃO:

Deixo aqui o meu E-mail fatima@fw.uri.br

Telefone: 014-55-3744-1700 ou 4040 para maiores informações.

Professora: Fátima Inês Tatto De Pellegrin

Rua Brasília Nº 1037

Bairro Itapagé

98400-000 FREDERICO WESTPHALEN/RS-BRASIL